

**CARTA DO PREPÓSITO GERAL À ORDEM POR OCASIÃO DA CANONIZAÇÃO DA BEATA
ELISABETH DA TRINDADE**

Caríssimos irmãos e irmãs no Carmelo,

À distância de um ano da canonização do casal Martin, preparamo-nos para celebrar outro acontecimento de graça que nos enche de alegria. No próximo dia 16 de outubro, à distância de 110 anos de sua morte, nossa irmã Elisabeth Catez será inscrita no cânon dos santos da Igreja, entrando a fazer parte, a título pleno, da grande e gloriosa família dos santos do Carmelo.

São muitos os motivos para agradecer ao Senhor e refletir sobre o significado que esse evento pode ter no caminho que nossa Ordem está fazendo. O rico e estimulante ensinamento que o Papa Francisco propõe com suas palavras e iniciativas – penso na encíclica *Laudato si'* e no Ano Jubilar da Misericórdia – pode ajudar-nos a entender alguns aspectos da atualidade do testemunho e do magistério espiritual dessa nossa insigne irmã, tão amada e apreciada nos ambientes espirituais, mas ainda pouco conhecida da maior parte dos fiéis. No entanto, sua vida de jovem alegre, sensível, fascinante, talentosa, generosamente empenhada na vida eclesial, ligada à família, afetivamente exuberante e capaz de amizade, amante da beleza e – junto a tudo isso – conquistada e polarizada pelo mistério da Trindade que Jesus Cristo nos comunicou, deveria torná-la interessante!

Elisabeth pode ajudar-nos a chegar à fonte abundante e sempre fresca da Trindade, que dá vitalidade, significado, perseverança alegre à nossa consagração e missão. Ela oferece a todos um exemplo estimulante de como a imersão no mistério da vida divina permite realizar-se em plenitude.

Nesta carta quero propor-lhes algumas chaves para reler os escritos de Elisabeth, a fim de perceber a atualidade destes, tendo presentes alguns fenômenos contraditórios do tempo que estamos vivendo: a fragmentação do eu, sempre menos capaz de individuar-se em relações boas, porque confuso e desanimado; a ânsia de tornar-nos presentes para sentir-nos vivos, através de uma visibilidade midiática que não consegue, porém, tornar-nos presentes a nós mesmos; o frenético e rumoroso preenchimento do tempo com atividades que nos ocupam e agitam e nos tiram o tempo para escutar, sentir e refletir em profundidade; o uso da beleza e a estetização seletiva da realidade para fins de consumo, que rejeita a gratuidade, impedindo perceber a beleza ínsita às coisas e deturpando a natureza; o sentimento

difuso de estar à beira do abismo, à mercê de forças desconhecidas e ingovernáveis, que tornam vão todo esforço de bem em um mundo sempre mais marcado por violência, miséria e precariedade, sem a possibilidade de um resultado de paz; o sofrimento e a morte vividos como desgraça, enfatizados ou inutilmente evitados por nossa cultura, que não consegue reconhecer o valor destes.

Como unificar a nossa vida?

Um fio condutor une a experiência de Elisabeth desde quando era criança até quando – ainda jovem, mas já amadurecida – sobrevier a morte: a intuição de que a única coisa importante é “viver por amor”. Encontra em Jesus, crucificado por amor (cf. C 133), o Deus que é capaz de vencer seu temperamento impetuoso e colérico e empolgar seu coração sensível e sedento de beleza. N’Ele vê e toca um amor apaixonado e apaixonante, que a conquista e a faz decidir, em tenra idade, ser toda sua. É o contato que se dará no mais belo dia de sua vida, o dia de sua primeira Comunhão, *“Em que Jesus fez em mim sua morada,/Em que Deus tomou posse de meu coração,/Tanto e tão bem que desde essa hora,/Desde esse colóquio misterioso,/Não aspirava senão a dar a minha vida,/A devolver um pouco de seu grande amor/Ao Bem-Amado da Eucaristia,/Que repousava em meu fraco coração,/Inundando-o de todos os seus favores”* (P 47).

As dificuldades que deve enfrentar em seu processo de amadurecimento – como o contraste entre o desejo de entrar no Carmelo e a oposição da mãe, a quem tanto ama; querer permanecer recolhida em intimidade com Jesus e participar em festas dançantes, onde jovens fascinados por sua beleza demonstravam interesse por ela; sentir-se chamada à solidão, que exige desapego e separação, e estar envolvida em tantas atividades artísticas e sociais; dar todo o coração a Deus e, ao mesmo tempo, ser disponível e afeiçoada às suas amigas – encontram sua solução na atração que exerce sobre ela “o grande amor” de Cristo, que resplandece na Cruz, lenho capaz *“de atear na alma o fogo do amor”* (C 116).

Entre as citações mais amadas por Elisabeth está o *incipit* do hino da carta aos Efésios, onde São Paulo anuncia o destino glorioso do homem, dizendo que fomos pensados, abençoados e predestinados desde a eternidade “para ser santos e imaculados diante d’Ele, no amor” (Ef 1, 4). Por isso, *“a alma que discute com o seu eu, que se ocupa com as próprias sensibilidades, que segue um pensamento inútil, um desejo vão, dispersa as forças e não está toda voltada para Deus”* (Último retiro, 3). Tudo que não é feito por Deus é nada (cf. C 285), esvazia ao invés de preencher,

dispersa ao invés de reunir. Não é a atividade que dispersa, mas o fato de não crer “*que um Ser, chamado Amor, habita em nós*” (C 284), de não estar unidos ao Ser que nos ama, ao Pai que, em Cristo, nos espera em sua casa e com Seu Espírito nos sustenta no caminho.

O grande ato da fé – recorda-nos Elisabeth, fazendo eco ao evangelista João – é acreditar no imenso amor que Deus tem por nós (cf. *O Céu na fé*, 20). A unificação da pessoa se dá, pois, pelo poder do ato de fé e reverbera na sensibilidade. Portanto, para crescer harmonicamente, curar as feridas da vida e amadurecer como pessoa, não se deve ter como objetivo o cuidado do próprio eu ou a superação da própria debilidade, mas antes sair de nós mesmos, deixar o próprio eu (cf. *Último Retiro*, 26) em uma vantajosa troca com o eu de Cristo, que “*quer consumir nossa vida para mudá-la na sua: a nossa, cheia de vícios; a sua, cheia de graça e de glória, totalmente preparada para nós, com a única condição de nos renunciarmos a nós mesmos*” (*O Céu na fé*, 18).

O segredo é, então, reconhecer o quanto somos amados, fixando os olhos no Mestre que veio acender o fogo do amor e quer vê-lo arder em seus discípulos, para que se espalhe visivelmente em todo o mundo. O amor divino é de tal modo excessivo e sem medidas que arrasta a alma que o permite, tornando-a constante, não mais sujeita aos solavancos imprevisíveis e inevitáveis da vida, “*porque vê o Invisível*” e “*não se detém mais nos gostos e nos sentimentos*”; acontece verdadeiramente que “*mais a alma é provada, mais aumenta a sua fé, porque transpõe, por assim dizer, todos os obstáculos para ir repousar no seio do amor infinito cujas obras só podem ser de amor*” (*O Céu na fé*, 20). Aliás, essa é a experiência humana do Filho enviado pelo Pai à terra e acolhido pela humilde Mãe; esse é o anseio inscrito no ser de cada homem; essa é a graça do batismo que, por tal razão, constitui um novo nascimento, uma iluminação permanente para quem faz memória dele; é o início da vida eterna (cf. *O Céu na fé*, 2).

Para ela, a imaturidade tem como raiz a indecisão a respeito da união com Deus, o permanecer centrados em nós mesmos e não escolher o amor. A ação com que Deus nos transforma e unifica é um fenômeno quase físico, uma consumação do amor-próprio, do medo do sofrimento, dos vícios, da aversão a Deus, o qual nos pede que entreguemos a nossa vontade para ser enxertados no amor, a “*dupla corrente entre Aquele que é e aquela que não é*”.

A miséria, lugar abençoado pela misericórdia

Se quisermos tornar-nos – com nossa consagração e nosso trabalho – sinal eficaz do agir do Pai, “somos chamados a ter os olhos fixos na misericórdia” (*Misericordiae vultus*, 3). Com frequência, uma pergunta – quer a formulemos, quer permaneça implícita – envolve nossa mente e nos torna estéreis, enfraquecendo nossas energias e tirando-nos o entusiasmo: o que faço com minha fraqueza? Como seria melhor que ela não existisse, quem me dera ser mais forte; se fosse inatacável, quantos problemas a menos... e o ideal torna-se inatingível! Desse modo, o caminho do desânimo e da frustração está pronto diante de nós.

Elisabeth – como também o Papa Francisco – raciocina de modo completamente diferente quando, contemplando o mistério da Paixão de Jesus, diz que só se pode conhecer a força da ternura aceitando entrar em contato com a existência concreta dos outros, sem guardar distância do drama humano, tocando a carne sofredora de nós mesmos e dos outros (*Evangelii gaudium*, 269-270). Falando à irmã Guita, nossa santa sugere-lhe apagar do seu vocabulário a palavra desânimo: mais se sente a fraqueza e o Senhor parece escondido, mais deve alegrar-se, recordando que “o *abismo da tua miséria atrai o abismo da Sua misericórdia*” (C 252). A interioridade é abissal porque nela habita Deus, que imutavelmente nos ama, que é um abismo de amor que possuímos em nós (cf. C 249).

Se usarmos a luz da fé, encontramos a confiança e o amor, que nos permitem descer às profundezas de nós mesmos em vez de permanecermos parados na superfície encrespada do mar da vida. Assim fazemos experiência do abismo que é Deus – indissociavelmente ligado ao nosso ser – e, tendo atingido o fundo, “*aí se dará o encontro divino; é aí que o abismo de nosso nada, de nossa miséria, encontrar-se-á face a face com o Abismo da misericórdia, da imensidade, do tudo de Deus*” (O Céu na fé, 4).

Somente reconhecendo essa verdade, que é o coração da mensagem do Evangelho, é possível reconhecer “*Deus sob o véu da humanidade*” (*Último retiro*, 4) e escutar sua palavra no presente. Se quisermos encontrar a paz, devemos prostrar-nos e lançar-nos no “*abismo do nosso nada*”: daí nascerá a adoração, “*o êxtase de amor*” (*Último retiro*, 21). Daqui deriva a confiança: o medo da própria fraqueza desaparece, porque “*o Forte está em mim e a sua virtude é onipotente; ela opera, diz o Apóstolo, muito além do que podemos esperar*” (C 266).

Quanta esperança é possível ter se verdadeiramente “*a alma mais fraca, mesmo a mais culpada, é a que tem mais direito de confiar*” (C 217), porque “*sua missão*

consiste em perdoar” (C 123). Devemos ver o nosso nada, a nossa miséria e impotência, reconhecendo serenamente que não somos capazes de progresso e perseverança e colocando-nos diante da misericórdia do Mestre (cf. *O Céu na fé*, 12). Desse modo podemos encontrar a liberdade e a paz que são a expressão da reconciliação conosco mesmos em Cristo – *“Ele está em mim, sou seu santuário,/Oh, não é em verdade a ‘visão de paz’?”* (P 88) –, desejando que Ele cresça em nós e, através desse processo de crescimento, seja conhecido pelos homens. Logo, a santidade está verdadeiramente ao alcance da mão, porque se encontra em um movimento de descida, não de elevação: *“O Todo-poderoso tem necessidade de descer/Para espalhar as ondas de seu amor./Ele procura um coração que queira compreendê-lo,/E é nele que fixa sua morada./[...] ‘Olha-me, tu poderás melhor compreender/O dom de si, o aniquilamento./Para me exaltar, tu debes sempre descer,/Que teu repouso seja no aniquilamento./É lá sempre que se dá o encontro”* (P 91).

A Eucaristia é o Tudo da Trindade que nos invade

O mistério da Santíssima Trindade é o abismo no qual Elisabeth, perdendo-se, se encontra (cf. C 56). É *“uma Imensidade transbordante de amor”*, que embebe e vivifica todas as fibras do ser, que se infunde na alma à medida que a pessoa chega à graça batismal com a fé e se conforma progressivamente a Cristo. O horizonte da realidade se dilata sempre mais (cf. C 83) e tudo se ilumina, porque Cristo introduz nas profundezas da alma, *“naqueles abismos nos quais só se vive d’Ele”*, fazendo participar do seu olhar, dos seus sentimentos, do seu coração: *“Ele fascina, Ele arrebatada. Sob seu olhar, o horizonte se torna tão belo, tão vasto, tão luminoso!...”* (C 109). A Trindade não é uma verdade abstrata e complicada, mas a vida dos Três – assim os chama –, que em sua feliz comunhão criam o mundo e a humanidade, envolvendo-os no esplendor do Amor, da Luz e da Vida. Deus é o Pai, seu Filho e o seu Espírito: *“a nossa casa, a nossa intimidade, a casa paterna da qual não devemos sair nunca”* (*O Céu na fé*, 2).

Na lógica da fé, raízes e consequências existenciais do ser cristão estão intimamente conexos: viver na fé, conhecer o amor de Cristo crucificado por nós, habitar em uma luz que torna belos também os momentos mais dolorosos da vida, ser transformados pelo Espírito – como aconteceu em Maria –, viver inabitados pela Trindade, encontrar a paz do Céu na terra são, para Elisabeth, sinônimos.

A Eucaristia é a chave dessa visão luminosa e profética da vida. Na experiência de Elisabeth desde o dia de sua primeira Comunhão, a comunhão sacramental com Jesus e a adoração prolongada da sua constante doação a nós – visibilizada na hóstia consagrada – serão a fonte de experiência, a porta de acesso, o lugar de confluência de todas as iluminações e graças que receberá em sua breve e intensa vida. Entrando na capela enquanto o Santíssimo Sacramento está exposto, parece-lhe *“que está se entreabrindo o Céu; e, na realidade, é isso mesmo, pois aquele que adoro na fé é o mesmo que os bem-aventurados contemplam face a face!”* (C 114). *“Nada nos manifesta tanto o amor que está no coração de Deus como a Eucaristia. É a união consumada, é Ele em nós e nós n’Ele; e não lhe parece que isso é o Céu na terra? O Céu na fé, enquanto se espera a visão beatífica face a face”*. A espera desse encontro faz com que *“tudo desapareça e temos a impressão de que já penetramos no mistério de Deus!”* (C 138). Na Eucaristia, a realidade do Céu se torna presente, comunicada e personalizada pelo Espírito para cada alma, porque o Céu é *“o que o Espírito Santo cria em teu coração”* (C 210). A Eucaristia é uma realidade de tal modo vital que Elisabeth empenhou-se para atingir o objetivo de ser digna de receber diariamente a Comunhão eucarística (em um tempo em que essa não era uma prática habitual): *“Então, meu Deus, terei realizado todos os meus desejos: receber-Vos todos os dias e, entre uma Comunhão e outra, viver em união convosco, em intimidade convosco. Oh! Este é o Céu na terra!”* (Diário). Como São Francisco, Elisabeth considera a Eucaristia em estreita conexão com o Natal, do qual emana a luz esplêndida que torna visível aos nossos olhos o admirável Mistério da Encarnação, início do cumprimento da salvação e da glorificação da humanidade por meio da efusão da caridade e da união íntima com Deus, que se realiza no coração do homem mediante a fé (cf. P 75, 86, 88, 91).

Nessa íntima transfusão de amor, a experiência humana muda radicalmente. O que podemos descobrir e “tocar com a mão” – a respeito de nós, de Deus, dos outros, da realidade – comungando com plena confiança do mistério da fé?

1) *Na verdade, somos uma humanidade de acréscimo*. Se pensarmos um momento no peso sempre maior que tem – em nossas relações, na formação da opinião pública, no crescimento dos jovens – a visibilidade da própria imagem e o tornar-se “disponíveis” através dos registros públicos da própria cotidianidade, mostrando querer ser “para os outros”, damo-nos conta de quão diferente sejam o discurso e a experiência pessoal de Elisabeth. Para ela, não há possibilidade de

sermos verdadeiramente nós mesmos e tornar-nos presentes ao outro, de maneira real e não efêmera, senão colocando-nos na profundidade em que encontramos nossa imagem humana na pessoa divina de Cristo, imagem visível do Pai.

Quando o homem não se reconhece ou não é reconhecido como espaço de comunicação pessoal, não representa – e, portanto, não vale – mais nada. Ao contrário, abrindo-se às luzes da fé, a pessoa *“descobre o seu Deus presente, vivente nela; por sua vez, ela permanece presente n’Ele, na santa simplicidade, e Ele a custodia com zelo ciumento”* (*Último retiro*, 5). Tudo se torna precioso se descobrimos essa intimidade invisível e procuramos conectar nossa experiência humana com a sua, fixando o olhar nos mistérios da sua vida, procurando intuir seus sentimentos, os quais emergem dos Evangelhos, para fazê-los nossos: *“Parece-me que seria necessário aproximar-se muito do Mestre, permanecer em íntima comunhão com sua alma, identificar-se em tudo com os seus sentimentos para depois cumprir como Ele a vontade do Pai”* (C 133). O valor de nossas cotações interiores alcançaria as estrelas, tornando-se, por identificação interior, *“o sacramento de Cristo”*; em toda expressão da nossa existência – alegre ou triste, de força ou de fraqueza – poderemos *“dar o nosso Deus todo santo, o Deus crucificado todo amor”*. Isso implica *“deixar-se transformar em uma mesma imagem com Ele”* por meio da *“fé, que contempla e ora incessantemente; da vontade, tornada prisioneira e que não volta atrás; do coração verdadeiro, puro, que estremece sob a bênção do Mestre”* (*Notas íntimas* 14). Essa mística paulino-carmelitana supera a vã tentativa de encontrar a si mesmo no reconhecimento dos outros, aos quais expomos nossa exterioridade e nossos serviços; encontramos a nós mesmos e ao outro procurando o Outro, contemplando-nos com a consciência de que somos – todos nós – à imagem de Cristo: *“Que eu seja para Ele uma humanidade de acréscimo na qual Ele renove todo o seu Mistério. E Vós, ó Pai, inclinai-vos sobre vossa pobre pequena criatura, ‘cobri-a com vossa sombra’ (cf. Mt 17, 5) e não vede nela senão o ‘Dileto no qual pusestes todas as vossas complacências”* (*Notas íntimas* 15).

2) *Tornar-se pessoas de comunhão, que O irradiam.* Toda pessoa traz em si aqueles que deixaram uma marca em sua vida: as pessoas que a geraram, que contribuíram para sua formação, que estiveram ao seu lado nos momentos cruciais da vida. Encontrando-nos, encontramos e comunicamos também algo das pessoas que trazemos em nosso ser.

O sublime mistério da “nova encarnação”, que se realiza na alma quando esta se deixa amar pelo Crucificado até o fundo de sua própria miséria, amando-O, por nossa vez, por gratidão “até a exaustão”, é o “*não sou mais eu que vivo, é Ele que vive em mim*” (P 75), que permite irradiar o Amor encarnado em Cristo (cf. *Notas íntimas* 15). A comunhão, que todos os homens de boa vontade procuram construir e que é sempre mais ferida e ofendida em nossa época, pode ser realizada somente à medida que se realizar a vontade divina de “restaurar todas as coisas em Cristo”. O caminho está indicado e Elisabeth o descreve deste modo: “*Contemplemos a imagem adorada, permaneçamos incessantemente sob a luz que dela emana, para que imprima-se em nós; depois, executemos todas as coisas com as mesmas disposições com que as faria nosso Mestre santo*” (O Céu na fé, 27).

Amor a Cristo, à Igreja e aos homens caminham juntos e sustentam-se reciprocamente. Identificar-se com Cristo para ter “*a alma cheia da sua alma, cheia da sua oração, todo o ser capturado e doado*” e “*entrar em todas as suas alegrias, partilhar todas as suas tristezas*” nos faz “*ser fecundos, corredutores, gerar as almas à graça, multiplicar os filhos adotivos do Pai, os resgatados por Cristo, os cordeiros da sua glória*” (*Notas íntimas* 13). Dar glória a Deus é tornar visível Cristo – a sua vida – em nossa existência. Aqui se revela que a inconstância e a fraqueza da oração são proporcionais ao fato de que não estamos conscientes dessa vocação, que é a nossa identidade: “*Estarei em comunhão convosco por Aquele que é um fogo consumidor, para que a transforme sempre mais n’Ele mesmo, para que possais render-lhe toda a glória*”. Com efeito, a alma, ao contato com o Espírito Santo, “*tornar-se-á como uma chama de amor que se espalha em todos os membros do Corpo de Cristo, que é a Igreja*” (C 220). Somente assim, “*Por nossa generosidade/Ajudaremos a Santa Igreja/E ver-se-á reinar o amor,/Antegozo da vida divina*” (P 94); “*Viver de amor, ou viver de sua vida,/É o que faz de nós apóstolos./Tão grande é a força de uma alma invadida,/Creio, que ela obtém tudo*” (P 77).

3) *Viver o sofrimento como bênção.* É verdade que não fomos criados para sofrer, mas para ser felizes; não para morrer, mas para viver. E devemos acrescentar: não para possuir-nos egoisticamente, mas para dar-nos generosamente. Por trás do medo e da recusa do sofrimento, pode-se encontrar um fechamento, uma solidão profunda, o ídolo da beleza física e da eficiência, o orgulho; em última análise, a falta de uma experiência abissal – como diria Elisabeth

– do amor divino-humano. Elisabeth o viveu, mergulhou nele e se deixou arrastar a ponto de pedi-lo para si e para as pessoas queridas nos seus colóquios íntimos com os Três.

Termos que, apenas nomeados, evocam sentimentos de tristeza, nos enchem de suspeitas e não nos agradam – tais como vítima, sacrifício, imolação, negação, esquecimento de si – são os únicos que delineiam na Escritura e na experiência espiritual a necessidade da Páscoa e a verdade do amor por alguém. Elisabeth o sabia bem e, por isso, dizia: *“Peçamos-lhe que nos torne sinceros no nosso amor, isto é, que nos transforme em vítimas de sacrifício, porque, ao que me parece, o sacrifício não é senão o amor posto em prática”* (C 220). É, por isso, fonte de felicidade pensar *“que o Pai me destinou a ser conforme ao seu Filho crucificado”* (C 276).

A Eucaristia é sacramento de comunhão, banquete do Céu, festim jubiloso porque alguém se imolou, sacrificou, deixou-se aniquilar por nós. Podemos, então, perceber a centralidade teológico-espiritual de expressões como as seguintes e a beleza da perspectiva eucarística que se abre: *“Mestre adorado, procurais uma hóstia/E quereis em vossa caridade/Perpetuar para sempre vossa vida,/Encarnando-Vos entre a humanidade,/Porque sonhais que subam ao Pai/O sacrifício e a adoração”* (P 91).

A paz e o repouso não nascem da ausência de problemas e sofrimentos, mas quando se *“sabe apreciar a felicidade do sofrimento e vê-la como a revelação do ‘imenso amor’ (Ef 2, 4) do qual fala São Paulo”*; se *“a dor é a revelação do amor”*, torna-se preciosa e bendita e pode tornar-se *“a minha residência predileta, é lá que encontro a paz e o repouso, lá estou segura de encontrar o meu Mestre e permanecer com Ele”* (C 271). Por isso, um cristão não deveria ter outro ideal que *“ser transformado em Jesus crucificado”* (C 272): descobrindo que Cristo habita na dor, receberia força nos acontecimentos dolorosos e frustrantes da vida. Portanto, à luz da eternidade, sacrifícios, lutas, misérias são motivos de alegria, não de tristeza (cf. *O Céu na fé*, 30); o segredo é aprender a refugiar-se sempre *“na oração do Mestre; na cruz Ele te via, rezava por ti, e essa oração é eternamente viva e presente diante do Pai e te salvará de tua miséria”* (C 276).

O sofrimento, como “prova” da falta de amor, torna-se “eco” do amor divino que faz todos os esforços para entrar no coração e contagiar a humanidade. Na enfermidade mais dolorosa nos torna sinal de esperança para quem está ao nosso lado e para

quem sofre sem esperar, se a vivemos como o mistério de Cristo morto e ressuscitado que celebra a sua Missa com o discípulo (cf. C 261).

4) *O tempo é resgatado.* A luz da eternidade dá a justa perspectiva sobre a realidade porque, dando à vida o sentido de uma origem e de um fim bons, coloca-a dentro de um processo no qual os acontecimentos isolados são relativizados e resgatados de uma absolutização que os faria desmoronar, sobrecarregando-os de expectativas. Ao mesmo tempo, a plenitude do ser pessoal é preparada por todas as escolhas que fazemos, as ações que realizamos, as palavras que dizemos: *“a vida é uma coisa tão séria: cada minuto nos foi dado para ‘enraizar-nos’ mais em Deus”* (C 266) e chegar a assemelhar-nos na vida ao modelo divino em uma união sempre mais íntima com Ele.

A Trindade *“deseja que, onde estiver, estejamos também nós, não só durante a eternidade, mas desde esta vida, que é a eternidade começada e sempre em progresso”* (O Céu na fé, 1). O que fazer para que esse processo aconteça em nós? O segredo é *“esquecer-se, abandonar-se, não fazer caso de si, contemplar o Mestre, olhar somente para Ele, receber de igual modo, como diretamente proveniente do seu amor, a alegria ou a dor”* (C 266).

Nessa dimensão contemplativa, torna-se possível ler os acontecimentos, dos menores aos maiores, como expressão da vontade do Pai – como fez Cristo –, de modo que, para aquele que crê, *“toda circunstância, todo acontecimento, todo sofrimento como toda alegria é um sacramento”* (O Céu na fé, 10). Em tudo é possível comunicar-se com Ele, a realidade torna-se significativa, os acontecimentos se conectam, os pontos soltos se juntam, deixando entrever uma trama bela, sensata, conveniente para o próprio crescimento humano. Se o Verbo eterno entrou na realidade e está de algum modo unido a todo homem, então *“Através de tudo posso, desde esta terra,/Contemplá-lo à luz da fé/[...] unir-me a Ele, tocá-lo com a fé”* (P 91).

Elisabeth o tinha compreendido na longa espera de entrar no mosteiro, que favoreceu uma interiorização do lugar da contemplação e da união com Deus, até vivê-la nas circunstâncias mundanas, concentrando-se no essencial da vocação e do testemunho cristão: as realidades da fé, a concretude da vontade divina, a presença de Deus no meio dos acontecimentos diários.

Não é mais possível experimentar que *“não há tempo suficiente”*, ou seja, fazer a experiência de que aquilo que fazemos nos tira vida, porque não encontramos aí um

sentido ou porque representa uma fuga de nós mesmos. A fé, desde que não a domesticamos, nos mantém despertos, atentos a perceber as graças de Deus que vêm ao nosso encontro todos os dias, recolhidos “à luz da sua palavra criadora, naquela fé ‘no excesso do seu amor’ (Ef 2, 4) que permite a Deus cumular a alma ‘segundo a sua plenitude’ (Ef 3, 19)” (O Céu na fé, 34).

5) Viver “dentro”, gratos e conectados com a vida verdadeira. A santidade é viver “em contato com Ele no fundo do abismo sem fundo, dentro” (O Céu na fé, 32). “Dentro” é a expressão que resume o carisma e a missão eterna de Elisabeth da Trindade: viver em relação com Deus, o mistério da Igreja, as relações de amizade, as atividades, os trabalhos da vida, os acontecimentos da própria época, conscientemente e tenazmente, dentro da estreita união com o Verbo encarnado, crucificado e ressuscitado, que está se dando constantemente a toda criatura. Ao abismar-se no Mistério da fé corresponde passar do próprio eu à margem do Eu divino e a consequente dilatação do horizonte vital e do olhar; consolidar-se na fé é a única coisa necessária de nossa vida, porque nos permite “agir somente sob a grande luz de Deus, nunca segundo as impressões e a imaginação” (A grandeza de nossa vocação, 11). É a experiência do Céu na terra, do realismo da vida divina na comunhão dos santos, da realização sensível – já aqui, mesmo que não ainda em plenitude – das palavras de verdade e de vida que a Revelação nos lega como nossa luminosa herança de filhos de Deus.

Pedindo estar inteiramente presente na Trindade adorada, desperta na fé e abandonada à sua ação criadora, Elisabeth deseja que “em cada minuto eu me adentre mais na profundidade de vosso Mistério” (Nota íntima 15); viver “dentro” significa apoiar totalmente o próprio ser na Trindade, “Deus todo amor”: essa intimidade “foi o belo sol que iluminou a minha vida, fazendo dela um Céu antecipado; é isso que hoje me sustenta no sofrimento” (C 266). Se permitimos à infinita beleza imprimir-se em nós, é possível, também em um mundo onde “tudo está contaminado”, ser pessoas “belas de sua beleza, luminosas de sua luz” (C 282), que crescem na gratidão e estão sempre na alegria dos filhos de Deus (cf. A grandeza de nossa vocação, 12), capazes de captar um reflexo da sua beleza e do seu amor na natureza e nas pessoas.

Uma sadia relação com as criaturas exige “reconhecer os próprios erros, pecados ou negligências, arrepender-se de coração, mudar a partir de dentro” (Laudato si’, 218), reconhecendo com gratidão que o mundo é um dom recebido das mãos do Pai.

Esse reconhecimento leva a agir na gratuidade e no respeito, sem prepotência em face de nenhuma realidade, conscientes de que todos os seres compõem uma estupenda comunhão universal. O mundo “não se contempla a partir de fora, mas a partir de dentro, reconhecendo os laços com os quais o Pai nos uniu a todos os seres” (*ivi*, 220), certos de que “Cristo assumiu em si este mundo material e agora, ressuscitado, permanece no íntimo de todo ser, circundando-o com o seu afeto e penetrando-o com a sua luz” (*ivi*, 221). Graças aos sacramentos – em particular à Eucaristia –, nos quais a natureza é assumida em Deus e transformada em mediação, “somos convidados a abraçar o mundo sob um plano diverso” (*ivi*, 235) daquele do proveito e da exploração. É extraordinária a sintonia entre o Papa Francisco, que tem como objetivo lançar as bases de uma teologia integral, e Elisabeth.

“O Senhor, no ponto máximo do mistério da Encarnação, quis atingir a nossa intimidade através de um fragmento de matéria. Não do alto, mas a partir de dentro, a fim de que no nosso próprio mundo pudéssemos encontrá-Lo. Na Eucaristia já está realizada a plenitude, e é o centro vital do universo, o centro transbordante de amor e de vida inexaurível. [...] A Eucaristia une o Céu e a terra, abraça e penetra todo o criado. O mundo, que saiu das mãos de Deus, retorna a Ele em alegre e plena adoração” (*ivi*, 236).

Maria, modelo da escuta que nos torna fecundos

“Recolhe-te, é em tua alma/Que o mistério se cumpriu./Jesus, Esplendor do Pai,/Em ti se encarnou./Com a Virgem Mãe,/Estreita teu Bem-Amado,/Ele é teu” (P 86). Maria é a criatura que não se pode narrar, mas somente contemplar, porque penetrou de maneira única no mistério de Cristo; pode-se invocar sua ajuda, aprender dela como custodiar o dom, colocando-se em suas mãos maternas: *“Essa Mãe de graça formará minha alma, para que sua filhinha seja uma imagem viva, ‘radiante’, do seu Primogênito, o Filho do Eterno, aquele que foi o perfeito louvor de glória do seu Pai”* (*Último retiro*, 2).

Nela tudo acontece no interior e ela é, por isso, o modelo do discípulo que se deixa atingir e transformar pela Palavra viva do Pai, permanecendo dócil à ação criadora do Espírito; como discípula de seu Filho, ensina-nos a adorar em silêncio, a sofrer e ficar sob a cruz, para contribuir na obra da redenção; humilde, livre de si mesma, esquecida de si, cheia de caridade e pronta a correr em ajuda, sempre recolhida *“dentro de si com o Verbo de Deus”* (*Último retiro*, 40). Elisabeth tem uma admiração

profunda pela Virgem Mãe, mostra admiração por sua humilde grandeza, que fez abrir o Céu – ela que é o colo em que os Três puderam fazer morada em sua criatura (cf. P 79): *“Refleta sobre o que deve ter passado na alma da Virgem quando, depois da Encarnação, possuía dentro de si o Verbo Encarnado, o Dom de Deus... Em que silêncio, em que recolhimento, em que adoração não deve ela ter submergido nas profundezas de sua alma para estreitar carinhosamente aquele Deus de quem ela era Mãe”* (C 152).

Maria é a testemunha intrépida de um grande evento, por força do silêncio que a torna capaz de escutar em profundidade, que consente ao Espírito imprimir nela o Filho eterno: ela nos ensina como preparar *“em nossa alma uma morada muito serena, na qual ressoe o cântico do amor, da ação de graças”* (C 138); ensina-nos a escutar: *“Que eu esteja à tua escuta,/Sempre pacífica em minha fé,/Através de tudo tua adoradora,/Aquele que só vive de ti”* (P 88). A paixão de escutá-lo é gosto de harmonia, capacidade de sintonia com a alma de Cristo, conscientes de que Ele *“tem tantas coisas a dizer-nos”* (C 137). De fato, como Maria, também nós somos *“uma unidade”* com o Senhor, que se dá a nós e permanece em nossa alma. Daqui a exigência do silêncio, que é tão difícil de realizar, *“para escutá-lo sempre e penetrar sempre mais fundo no seu ser divino; identificada com Aquele que ama, encontra-o em toda parte, vê-o brilhar em todas as coisas”* (C 112). Na pessoa nasce um louvor sem fim, uma adoração do dom de Deus que faz crescer a caridade e a paixão de fazer conhecer Cristo, a ponto de *“louvor de glória”* tornar-se sua nova identidade: *“Um louvor de glória é uma alma que permanece em Deus, que o ama com um amor puro e desinteressado, sem procurar a si mesma na doçura desse amor; que o ama acima de todos os seus dons e mesmo que não os tivesse recebido; [...] é uma alma de silêncio, que se mantém como uma lira sob o toque misterioso do Espírito Santo, para que ele faça sair dela harmonias divinas; [...] é uma alma que fixa Deus na fé e na simplicidade, é um espelho que reflete em tudo o que ele é; é como um abismo sem fundo no qual ele pode espalhar-se, expandir-se; [...] enfim, um louvor de glória está sempre ocupado na ação de graças. Todos os seus atos, todos os seus movimentos, os seus pensamentos, as suas aspirações, enquanto a enraízam mais profundamente no amor, são como um eco do ‘Sanctus’ eterno”* (O Céu na fé, 43).

Conclusão

Elisabeth da Trindade é um dom precioso para nós e para a Igreja nesta época marcada por crises de identidade, depressão, indiferença, cobiça desenfreada, deturpação da natureza e manipulação do humano. Ela testemunha de maneira forte, bela e convincente o realismo das verdades em que cremos e nos ajuda a entender que, se não recuperamos a dimensão escatológica da nossa fé, esta perde eficácia e torna-se inútil, sem garra e força transformadora.

Sabemos qual é sua missão, o que está fazendo, em que ponto nos pede para colaborar, com amor ardente e reconhecido à Trindade: *“No Céu a minha missão será atrair as almas, ajudando-as a sair de si mesmas para aderir a Deus por um movimento simples e amoroso, conservando-as naquele grande silêncio interior que permite a Deus imprimir-se nelas e transformá-las em Si mesmo”* (C 280).

Agradeçamos a Elisabeth pelas palavras escritas em sua última carta, que – conhecendo também o seu coração – sabemos ser dirigidas também a nós: *“Caro irmãozinho, antes de voar para o Céu, tua Elisabeth quer expressar-te, mais uma vez, o seu propósito de assistir-te todos os dias de tua vida, até que um dia te unas a ela na eternidade. [...] terás que sustentar lutas, encontrarás obstáculos na estrada da vida; mas não desanimes. Invoca-me, para que te ajude! Sim, chama tua irmãzinha em teu socorro. Assim, aumentarás a felicidade de seu paraíso. Ela se sentirá feliz em ajudar-te a triunfar, a permanecer digno de Deus [...] Quando estiver junto do Senhor, recolhe-te em oração; e assim voltaremos a nos encontrar e seremos felizes para sempre”* (C 287).